ACADEMICO PARAHYBANO

20 DE JULHO
DE 1866

I ANNO — SEXTA-FEIRA 20 DE JULHO DE 1866 — NUMERO 2

ACADEMICO PARAHYBANO

Publica-se não menos de duas vezes por mez e assigna-se na livraria Economica, rua do Crespo n. 2. — Preço da assignatura: Para o Recife 1$000 mensalmente pagos ao receber o primeiro numero. Para a Parahyba 3$000 por trimestre pagos adiantados.

ACADEMICO PARAHYBANO

Exposição da Parahyba

O dia 5 de agosto proximo vindouro tem de marcar mais uma epocha gloriosa á provincia da Parahyba. E' este o dia designado para a abertura de sua exposição industrial, artistica, agricola, e natural.

Posto que uma das menores em territorio e população, a provincia da Parahyba é, todavia, como as outras suas irmãas, igualmente rica de productos naturaes, e igualmente ennobrecida pelo apego e dedicação á industria, e ao trabalho,

E', pois, mais uma occasião que se-abre ao povo parahybano para desmentir esse injusto conceito, que se-lhe-faz, como um povo pouco activo e quasi estacionario; concorrendo todos os parahybanos ao magnifico festim da intelligencia e do trabalho, onde encontrará cada um o premio de suas fadigas e de seu amor á causa da prosperidade.

A exposição, que, no dizer do Marquez de Abrantes, começou na modesta *feira*, onde ia-se vender o que se—tinha produzido sem idéa alguma de comparação entre os productos, passou depois, diz o mesmo Marquez, para a feira apparatosa, em que se-procurava menos vender do que ostentar o que se tinha produzido de melhor; de sorte que produzindo-se no começo para vender, produz-se hoje para concorrer.

E de feito, a exposição é um verdadeiro concurso, o concurso da intelligencia e do trabalho; assim como tambem e um meio de se-conhecer e julgar dos impulsos e grandeza de um povo qualquer.

Não satisfeita com as provas de seu poderio, a Inglaterra quer dar ao mundo mais um documento de suas forças, e a exposição é o meio que escolhe para fazêlo; e d'ahi o seu esforço consideravel, que produzio a sua memoravel exposição de 1851, que assombrou todo o universo.

Do mesmo modo a França não se-contenta com seus milhões de guerreiros, philosophos, litteratos e jurisconsultos; e d'ahi os seus concursos officiaes, e exposições propriamente ditas, que vem por seu lado confirmar ao mundo o seu lugar de alta distincção na velha Europa.

A exposição, portanto, tem sido, como vê-se assumpto de grandes cuidados nestes e n'outros paizes; e como entre as demais nações, no Brazil, e em suas provincias, a exposição não póde, nem deve passar desapercebida, mesmo porque tem esta a vantagem de particularisar a importancia de cada uma d'ellas.

Más a exposição não é somente um meio de ostentar e attestar a grandeza de um povo; derramar nelle a emulação, activar a sua intelligencia, incital-o ao trabalho, tal é seu objecto principal; e nisto pode-se dizer que consiste todo seu merito.

Com um fim tão nobre a exposição é e será sempre credora da maior attenção dos governos; cumprindo áquelles, que se-acham em condicções de augmentar o seu valor, não eximir-se da rigorosa obrigação em que os-põe a qualidade de bons e prestaveis cidadãos.

Toscano Barreto.

Commercio da Parahyba

(*Continuação*)

Vimos no artigo precedente quaes as causas do augmento e prosperidade da industria agricola; como semilhante facto influe na florescencia do commercio de uma provincia; e como dado o atrazo na industria agricola pela falta da existencia de meios proprios á sua prosperidade, influe igualmente este facto na decadencia do seu commercio. Entretanto cumpre notar que, os principios, que estabelecemos sobre o incremento da industria agricola, e como uma consequencia necessaria sobre o da industria commercial, não assentarão senão sobre uma das duas condições, que assignamos como auxiliares poderosos ao augmento de população, para que esta se podesse dizer em these fonte do augmento e prosperidade do commercio. Essa condição foi a do estabelecimento e melhoramento de estradas na Provincia. Tratamos hoje da instituição de premios, como outra condição igualmente forte para o incremento mediato da industria commercial. O homem, levado sempre pelo seu instincto natural, procura por todos os meios ao seu seu alcance, aperfeiçôar quanto possivel o ramo de trabalho, á que se ha dedicado, como uma condição de seus interesses e de suas commodidades.

E' verdade porem que o aperfeiçôamento do trabalho humano exige progressivamente a substituição do esforço corporeo ao intellectual, e por isso aquelles, que d'entre o grande numero de agricultores e fabricantes, dotados de intelligencia e amor ao trabalho, conseguirem abreviar os processos, descobrir apparelhos, maquinas etc.; ou por qualquer outro meio concorrerem para o aperfeiçoamento da industria agricola, ou fabril, esses, dizemos nós, adquirem sem duvida direito á uma indemnisação por parte do Governo; e esta será a mais completa com a instituição de premios em favor dos inventores. Que a instituição de premios é o mais poderoso incentivo ao encorajamento e progresso das industrias, fabril e agricola, é o que facilmente se prova. Vemos que na Europa, essa parte do mundo justamente orgulhosa, pelo seu poder intellectual e material, tem sido espantoso o progresso das diversas industrias (e sobretudo da fabril) depois que as Exposições, esses theatros, em que fazem-se representar os povos civilisados, casando as bellezas naturaes com o primor de suas artes, apparecerão concedendo premios e previlegios. O apparecimento das Exposições foi um passo gigantesco, dado pela humanidade em busa de sua terra de promissão—a civilisação.

Acceitemos pois tão frisante exemplo. Com o uzo frequente de Exposições Provinciaes, para onde afluam os productos dos diversos ramos de industrias, e artes, poderá o Governo da Parahyba erguer os brios Provinciaes com a emulação justa, que devem sentir os productores, vendo coroados os seus esforços do melhor exito. E não é uma novidade a ideia, que hoje aqui apresentamos.

Já o nosso legislador Constituinte no paragrapho 26 do artigo 179 de nossa carta, promettêra aos inventores um previlegio temporareo exclusivo, ou uma renumeração pela vulgarisação de suas descobertas; o que ao Governo parecesse melhor. Reconhecendo nas invenções ou decobertas o cunho do trabalho humano, não podia o nosso legislador deixar de vêr no objecto d'ellas uma prosperidade d'aquelle, que para tal fim despendêra esforços intellectuaes e phisicos; e sendo o Governo immediatamente interessado nos beneficos resultados, que deve produzir a vulgarisação das invenções ou descobertas acha-se elle no rigoroso dever de conceder previlegios temporareos aos inventores, como meio de renumerar seus serviços pelo uzo exclusivo de sua invenção, ou arbitrar-lhes uma remumeração pecuniaria em compensação dos esforços empregados.

(Continuar-se-ha.)

E. Chaves.

Instrucção Primaria

O maior mal sobre a terra é a ignorancia da verdade. (Platão).

O triumpho da luz tem sempre sido favoravel á grandeza e melhoração da especie humana. (Madama de Stael considerações sobre a revolução franceza).

Percorrendo-se a Parahyba vê-se o duplo espectaculo-liberdade civilisada-liberdade ignorante. E' forte a expressão, mas é preciso, é esta mesma liberdade quem falla, é ella que urge todos os odios pela instrucção, pela verdade.

Logo que os meninos ficam preparados por suas mães, cobertos com os perfumes da verdade, com a moral domestica, precisam de um professor para fazer applicação deste delicado deposito á sociedade, para tornal-os bons homens antes de serem cidadãos; mas este professor, esta instrucção primaria gratuita como desejamos, e como mandam as nações civilisadas não ha em a nossa Parahyba. Assim a medida que as crianças crescem, seus pais entristecem, porque tem como certa a depravação do espirito, a civilisação como os animaes nas mattas e por fim dilacerarem-se mutuamente. Dest'arte, choram continuadamente esses pais pela fatal sorte de seus filhos! Queixam-se, por não terem meios para mandal-os as Villas, as Cidades, a Capital receberem a luz, a civilisação, a verdade. Não choreis pela sorte de vossos filhos, nem lastimeis os vossos recursos, condemneis, porém, os vossos irmãos civilisados por desconhecerem a necessidade de instrucção primaria gratuita e auxiliadora dos proletarios em todos os povoados e aldeias.

As crianças ao chegarem em certa idade tem necessidade de se educarem, mas não encontrando um homem instruido, civilisado que lhes possa mostrar o verdadeiro caminho da civilisação, seguem a instrucção d'aquelles que nenhuma educação tiveram, senão a das suas livres vontades; estes pais ensignam a sua civilisação, mas qual é ella? a seguinte; primeiramente brincam uns com os outros em de redor de casa, ahi ainda domina a educação paterna; depois passam aos campos, já ahi se vão esquecendo a educação e os carinhos recebidos no berço; finalmente internam-se nas mattas, mas para isso é preciso um punhal, uma espingarda; ahi já se acham envoltas nas cinzas do passado as suas educações enfantis, vão, pois, exercitar os seus dous elementos de civilisação, começam fazendo alvo nas arvores, passam ás aves, aos animaes bravios, e acabam por dilacerem-se fraternalmente. Assim tem razão estes pais que vivem sob o regimen ignorante e sem recursos, quando sentem humedecer as suas faces, a medida que seus filhos crescem.

Do mesmo modo que a imprensa e a tribuna são as armas das idéas de um povo civilisado, assim tambem o punhal e a espingarda são a civilisação de uma liberdade ignorante. Pobre povo! que teu papel são as buxas das espingnardas; tua penna, a vaqueta; teu canivete, o punhal; tua arêa, a polvora; tua lousa, a pederneira; tua tinta, o sangue humano! Perdido está o interior da Provincia! perdidos estes tenros filhos que a esta hora estão recebendo os bafejos e abraços de suas charas mães, se não se erguer uma voz em favor da verdade, da instrucção primaria gratuita e fornecedora de meios aos indigentes; que é o que nos falta para salvar este povo das portas do abysmo em que se acha e arremessal-o aos vastos campos da verdade.

Com isto, porém, não queremos dizer que a Parahyba se acha absolutamente dentro deste horrivel quadro, ao contrario póde-se dizer, que ella pelo centro é mais civilisada do que o interior de outras provincias, o que se prova com o grande numero de moços que de lá veem receber aqui a instrucção secundaria, exemplo este que influe nos animos daquelles que por suas indigencias não pódem mandar seus filhos a esta capital. Mas d'ahi não se segue, que isto seja acto do governo diffundindo instrucção primaria, como queremos, mas sim resultado d'aquelle povo que em geral tem bôa indole amando as letras, a instrucção, a verdade.

Queremos tirar este povo da ignorancia, queremos dar-lhe uma liberdade civilisada, queremos guial-o ao aperfeiçoamento de suas faculdades atravez da torrente de suas paixões e opiniões. E por onde isto? Pela instrucção primaria, que é por meio della que o homem salta do seio da natureza a um novo mundo, o mundo da civilisação. Defeito, quando a instrucção primaria estiver diffundida por todos os povoados e aldeias, com todos preparos necessarios á aquelles que por suas intelligencias não poderem frequentar as aulas, veremos os pais em vez de entristecerem, a medida que seus filhos crescem, orgulhosos e satisfeitos por terem bons filhos, bons cidadãos, que mais tarde lhes serviram de arrimo.

(*Continuar-se-ha*).

Cidade da Parahyba

O desejo que temos de vêr o augmento e prosperidade da nossa Provincia da Parahyba induz-nos á fazer algumas considerações tendentes ao seu melhoramento, já apontando as necessidades que ella sente, já finalmente mostrando o remedio que essas mesmas necessidades reclamão.

Muitas são por certo as necessidades palpitantes da capital da nossa provincia da Parahyba, e entre outras não podemos deixar de ennumerar o calçamento, alinhamento das ruas e a illuminação da cidade.

Parece que a nossa infeliz capital tem cahido, por assim dizer em um completo olvido, em ordem a não ter incremento algum relativamente ao progresso material.

Quando capitaes de outras provincias, alias muito mais novas do que a da Parahyba, primão pelo aceio e limpeza das ruas, jaz a nossa no estado em que estava ha mais de oito ou dez annos!!

O viajante que ahi saltasse hoje vêla-hia tal qual a oito ou dez annos antes, isto é, as mesmas ruas, as mesmas casas, os mesmos muros, finalmente a mesma ausencia de luz á noite, por falta de uma illuminação!!..

Não é intuito nosso censurar este ou aquelle governo; porquanto milhares tem sido os governadores da quella provincia, e a fallar a verdade, nenhum tem curado das necessidedes imperiosas que se fazem sentir.

O Sr. conselheiro Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, comprehendendo as vantagens que, em uma capital como a nossa, balda de recreios e divertimentos, resultariam da fundação de um theatro, onde os habitantes se distrahissem nas

Fundação Joaquim Nabuco

noites de aborrecimento, teve a felicidade de mandar edificar um; que, não só pelo modelo, como tambem pela localidade, prometia ser um edificio de grande importancia.

Infelizmente porém S. Exc. não teve o gosto de ver terminada a obra que projectara, por haver deixado muito cêdo a administração da provincia, e os Presidentes que lhe lhe succederão não trataram de concluir esse edificio, que hoje está transformado em thesouro publico !..

Não negamos a falta que havia de um edificio proprio para o thesouro; mas é ainda para lamentar, que até mesmo as obras feitas ahi na capital offereçam tão pouca solidez que logo depois de sua construção ameacem completo dismoronamento !

Ahi está, para provar o que acabamos de dizer, a casa do thesouro feita pelo Sr. Francisco Soares Retumba no varadouro, a qual não obstante ser examinada pelos engenheiros, que a declararão capaz de ser aceita pelo governo provincial, sucedeu todavia, que poucos mezes depois de sua entrega, ameaçava perigo eminente aos impregados que alli funccionavam.

Annos depois da administração do Sr. conselheiro Sá e Albuquerque, seguio-se o Sr. brigadeiro Henrique Beaurepaire Rohan, o qual, se bem que tivesse ardentes desejos de melhorar a provincia, foi entretanto infeliz em sua pretenção; visto como mandando desapropriar varias cazas e abrir differentes estradas acusta dos cofres, tudo ficou sem resultado algum.

Hoje o que pode commemorar a administração desse presidente, é um grande muro em roda de palacio. Em abono da verdade, melhor fora que os dinheiros ahi expendidos fossem applicados em outra cousa de mais urgente necessidade, como o calçamento da cidade, que actualmente é de pessimo gosto.

Ha muito que ouvimos fallar que o governo já havia contractado, e até mesmo affirmaram-nos que se estava esperando pedras proprias para effectual-o; isto porém não tem passado de meras conjecturas, e o certo é que vão decorrendo annos, a tudo vae ficando no mesmo estado.

E não se diga que o calçamento e aceio das ruas não sejam uma das necessidades primordiaes.

Entendemos que são cousas uteis e necessarias, não só para o formoseamento da cidade, como mesmo para a salubridade publica.

Quiseramos pois que a exemplo da cidade do Recife, e muitas outras que esmeram-se em acceio e limpezra, onde mesmo ha agentes especiaes encarregados da remoção do lixo das ruas, a nossa bella cidade se tornasse de igual modo apreciada.

Seria tambem para desejar que a nossa capital fosse illuminada a gaz, o que darlhe-hia maior belleza e realce; e, se em outras capitaes, como a de Alagôas, que não offerece maiores recursos do que a nossa, que não deve ceder a palma, a illuminação é feita a gaz, não seria muito que a capital da Parahyba tivesse a sua illuminação pelo mesmo systema, que, como sabemos, dá mais vida e animação, e convida mesmo a sahir-se a noite ao passeio

Aos representantes da provincia, pois cumpre tambem lançar suas vistas para as necessidades que estão a vista e ao alcance de todos, e obter do governo geral uma quota sufficiente para taes medidas, quando os cofres provinciaes se acharem na impossibilidade de poder comportar com avultadas dispezas.

Dir-se-ha talvez que é somente o desejo de fallar que nos leva a dizer taes verdades, e que a provincia não pode fazer ainda essas dispezas. Então caber-nos-ha perguntar: será possivel que a nossa capital viva sempre estacionaria ? será possivel que decorra centenares de annos sem que se veja algum melhoramento material, quando por um esforço poder-se-hia remediar taes necessidades ?

E' notavel entretanto em Pernambuco o progresso rapido relativamente ao augmento [illegible], calçamento, e limpeza [illegible] com isto comparar o [illegible] que dispõe a provincia de Pernambuco com os da Parahyba; não; queremos apenas um progresso relativo, e compativel com as forças d'esta provincia, e nada mais; certo de que se bem applicar-se os dinheiros publicos, o estado da Parahyba será outro. que não este em que actualmente vemo-la.

Com quanto sejam conhecidas por todas as necessidades de que fallamos, talvez que censurem-nos por havermo-las notada, disendo de passagem a verdade; embora: temos consciencia de que ninguem mais do que nós deseja o augmento e prosperidade da nossa provincia,

Felizmente se acha contratada uma ponte de ferro, que, tendo de construirse em Sanhuá, communica com o centro da provincia. Com quanto seja exagerada a quantia por que foi ajustada.... (255:000$000 !), todavia cremos que sahirá uma obra perfeita, visto que foi contractada com o Sr. Barão do Livramento, que até o presente tem dado cumprimento aos seus contractos. Aqui fazemos ponto, desejando que os nossos patricios não nos attribuam intenções que não tivemos, como a de censurar e fallar de tudo por mero prazer; e esperando que os dignos representantes da nossa provincia tomarão na divida consideração as suas tão urgentes necessidades.

Recife 16 de junho de 1866.

W.

A fortaleza de Cabedello, e suas ruinas

(Conclusão.)

Depois desse ataque infructifero, os hollandezes resolveram-se a o dar golpe de mestre, e no dia 11, atacaram a fortaleza por quatro pontos; mas foram repellidos, não só pelo denodo dos nossos bravos, como pelas pontarias certeiras da artilharia da fortaleza, damnificando-os mais a peça chrismada com o nome de Santa Catharina.

Nesse combate morreu o capitão, D. João de Xareda e Frei Manoel da Piedade mais 35 soldados, tendo o inimigo perdido 180 mortos.

Tendo falhado o golpe de mestre, os hollandeses retiraram-se, temendo, uma derrota maior.

Foi o primeiro baptismo de sangue para a fortalesa; o ataque do dia 5 de dezembro de 1831, depois de 49 annos em que tinha sido a fortalesa edificada; foi tambem o dia da sua primeira pagina de ouro, no glorioso livro da nossa historia.

Os hollandezes porém, que desejaram trocar os seus pantanos, pelas risonhas colinas da America do Sul, não abandonaram o seu plano de estabelecer-se no abençoado terreno do Parahyba.

Prepararam-se para segunda vez atacar a fortalesa, unica barreira que frustava-lhes o plano, e vencida a qual, o Parahyba seria delles. Mathias de Albuquerque sempre zeloso pela capitania que governava avisou do que se passava, ao governador Antonio de Albuquerque Maranhão, que para mais segurança da cidade, mandou levantar na ilha dos Frades Bentos (1) que fica, a uma milha quasi, da fortaleza, uma bateria de 7 peças cujo trabalho foi executado pelo capitão de engenheiros Diogo Paes e por Lourenço de Brito Corrêa, sendo commandada pelo capitão, Domingos de Almeida, alferes, Antonio de Sá Lobo, e Simão Soares, sendo portuguezes e indios, que guarneciaam a bateria, em numero de 160.

Realmente no dia 25 de fevereiro de 1634, uma frota hollandeza de 24 navios e 3,000 homens commandados por Sigismundo, veio surgir em frente da barra; mas aos primeiros da fortalesa e da bateria, retiraram-se; por que viram que lhes era absolutamente impossivel travar um combate, cuja desvantagem não fosse toda delles.

Frustrados os planos dos hollandeses, ainda assim não desanimaram; quanto mais se aproximavam do Parahyba, mais conheciam a importancia desse rio, e as vantagens que da sua posse resultaria á Hollanda.

Prepararam pois maiores forças, e sahiram para os nossas aguas em 30 de novembro, chegando a altura do Cabo-Branco no dia 2 de dezembro. Quiseram desembarcar no rio Guaramama (2); porem ahi encontraram alem de um reducto de 4 peças de 18, uma barra má, pedregosa, e de pouca profundidade e receiosos de uma derrota reembarcaram, chegando defronte do Cabedello, no dia 4 de desembro do anno de 1634.

Depois do segundo ataque, maior foi ainda a cautella do governador mandando levantar os fortes de Santo Antonio (3) e um outro fronteiro ao Cabedello (4), que se podia communicar por terra com o Santo Antonio, e por mar com a bataria de S. Bento. Defendia Santo Antonio, Luiz de Magalhães com 60 homens, a bateria de S. Bento, Pedro Ferreira de Barros, o forte, Gregorio Guedes com 40 homens e a fortalesa 3 companhias commandadas pelos capitães, Simão Casimiro. e Jeronymo com 180 homens.

No dia 4, desembarcaram os hollandeses na foz do Jaguaribe (5) a trez leguas do cabedello, o qual era defendido pelo governador, que debalde procurou resistir: mais foi obrigado a ceder força numerica, retirando-se para fortaleza.

As guerrilhas continuaram, no dia 10, principiou o bombardeamente da fortalesa por mar e terra.

Ahi, houve um fogo do inferno, os fortes, Velho, Santo Antonio, S. Bento e o Cabedello respondiam tiro por tiro, e a peça de Santa Catharina fazia um estrago horrivel nos navios inimigos: um artilheiro hollandez procurou inutilisa-la e fez-lhe uma pontaria tão certeira, que a bala pegando a bocca da peça machucou-a toda, indo até o golphinho. (6)

Quando a bala hollandesa bateu na Santa Catharina, foi até o golphinho, arrancou o polegar de Pedro Duarte, que servia nella como chefe de peça: nessa occasião deu-se um episodio que não devemos deixar esquecido; por que elle se pode por em parallelo com a coragem dos Scevolas e dos Regulos. João de Souza, indio natural da povoação do Livramento, patria de André Vidal de Negriros, um dos generaes heroe da restauração portugueza; vendo seu irmão mutilado e todo banhado em sangue, não querendo que elle abandonasse posto tão importante como era o da bateria do norte, onde estava a Santa Catharina, correu á substituil lo; mas Pedro Duarte, olhou para elle sorrindo, e disselhe: « Para servir ao rei ainda tenho este irmão mais velho do que tú » (7) E com o polegar da mão esquerda, calcou logo no ouvido da peça.

Entretanto em quanto o combáte durava renhido, cahio uma espeça cerração, da qual se apoveitando o inimigo foi tomar a bataria de S. Bento, matou 28 homens O forte de Santo Antonio, sendo discoberto e por tanto sugeito as bombas hollandesas foi por elles tomado de assalto, tendo para isso mandado Sigismundo desembarcar 400 homes na praia, hoje chamado Fagundes, que d'alli marcharam até ao forte, protegidos pela cerração, que cada vez se tornava mais espessa.

Calados os fogos dos fortes S. Bento e Santo Antonio, facil foi calar os do forte velho, ficando a fortalesa entregue aos seus proprios recursos; comtudo ella ainda résistio 13 dias, no dia 23 entregou-se por capitulação, depois fle ter perdido quase toda a sua guarnição em um combate, no qual os nossos se portaram como verdadeiros leviathões. As nossas perdas nas fortalesas foram: 2 capitães e 103 homens.

A cidade tomou o nome de Fredirica, e a fortaleza de Margarida.

Restaurado o Brazil, os portuguezes tornaram a entrar na fortalesa que tomou o nome primitivo de Cabedello. E' esta synthese dos factos historicos dessa fortalesa gigante, que hoje está cahida em pedaços.

Agora algumas reflexões, sobre as quaes chamamos a attenção do Governo Imperial.

Narrada a historia da fortalesa, parecenos que está narrada a sua importancia e não precisamos mais commentarios a seu respeito.

Entretanto, o que vemos ?

Vemos que esse monumento tão importante está quasi inutilisado, cahindo a pedaços O muro que circunda o fosso, já quasi que não existe, o fosso da ponte levadiça está aterrado, da mesma maneira que o fosso que protege a cortina deste: a cortina da bateria de Oeste, uma das mais importantes está cahida, fazendo uma brecha de quasi tres braças do lado do rio: os alojamentos que accomodam 800 homens, estão em completa ruina; a casa da polvora exposta ao incendio da primeira bomba que n'ella cahir, a cisterna em estado de ruinas, e os bastiões a cahir. A artilharia toda inutilisada, os parapeitos todos ameaçando desabar.

E' este o estado em que se acha a fortalesa do cabedello.

Se fossemos competentes na materia, fariamos sobre ella largas considerações; mas nos limitaremos a pedir a S. M Imperial, que lance suas vistas para tão importante monumento.

Senhor: V. Magestade, foi testemunha occular das ruinas dessa fortalesa quando a visitou em 1859

Deixar perder-se um monumento dessa ordem, é deixar morrer aquillo que justamente constitue a coroa de orgulho dos parahybanos.

Vos Senhor, bem vedes, o Brazil caminha a passo de gigante e um dia virá em que talvez necessite dizer ao mundo eis aqui um dos monumentos que sempre me fez e me fará respeitar. Cuidae nelle, Senhor, e uma provincia inteira bendirá o vosso nome.

Mas de quem será a culpa do estado a que chegou esse monumento glorioso ?

A culpa é toda vossa representantes da Parahyba, que recebendo do povo parahybano uma delegação para os apresentar, tanto que vos assentaes nas cadeiras do parlamento brazileiro, esqueceis ingratamente o interesse da vossa provincia, não vos envergonhando do interesse que os nossos irmãos das outras provincias tomam pelas suas patrias: pois bem; eis a razão por que, não appellamos para vós, e sim para o governo imperial, e quando elle não nos queira attender; parahybanos, unamos os nossos esforços e restauremos esse esqueleto do monumento glorioso, que immortalisou o nome da Parahyba do Norte nos factos da historia do Brazil.

Parahybanos, quem pronuncia o vosso nome, pronuncia: heroes.

A patria dos Pedro Duarte, João de Sousa, Vidal de Negreiros, Perigrino e Coutinho, ainda respira, ainda não foi riscada do mappa das provincias do Brazil: recorrei ao governo imperial, e se por uma fatalidade, elle não vos secundar n'essa obra tão patriotica, uni vossos esforços restaurae esse monumento, para que com orgulho possa n'elle tremular o pavilhão auriverde.

Ao governo da provincia compete desde logo, pedir ao governo imperial, as providencias, que são necessarias para trabalho de importancia tão transcendente.

Recife, 17 de junho de 1866.

J. C. Cesar.

(1) Hoje chamada Restinga, a qual devide o Parahyba em dous braços, que vão ao mar por um só canal.

(2) Já não existe mais vestigios; comtudo suppõe-se ter sido edificado na ponta que fica a sueste da praia de Santo Antonio.

(3) Por duas vezes procuramos precisar o lugar onde houve esse forte: trabalho baldado!; tadavia disseram-nos alguns moradores do lugar chamado Forte-velho que supanha-se ser edificado no lugar em que hoje se acha uma casa do Sr. capitão S. N. de Carvalho, ou pouco mais adiante, o que nos leva a crer em vista da grande rebanceira que ha na margem do rio, justamente defronte da fortalesa do Cabedello.

(4) Fica a distancia de pouco mais ou menos meia legua, do sitio do Sr. capin-o A. da C. Rego Moura, é de pouca profundidade e pequeno curso.

(5) Por corrupção, Grammame; já não se sabe mais em que lugar foi o forte.

(6) Este facto acha-se no Castrioto Lusitano, da 1ª edicção, e em um dos Almack do Sr. Castilho.

(7) Quando visitamos ultimamente a fortaleza, essa peça estava desmontada, e verificamos á pressão da bala hollandeza, que produsio no cano uma pressão de pollegada de cumprimento e meia de profuddidade. A peça é de bronze calibre 18.

PARTE JURIDICA

Fomos obsequiados por nosso amigo e comprovinciano o Dr.... com o escripto, que se segue; o qual julgamos dever publicar na parte juridica com a epigraphe.

Algumas consideroções sobre a legislação patria

Em todas as nações, quer antigas, quer modernas, o seu engrandecimento reconhec-se pela liberdade de suas leis, verdadeiro meio indicativo de sua tendencia para libertar-se do systema ferrenho, antiquado e incompativel com a marcha incessante desses individuos collectivos, que por ventura soffrem.

O nosso paiz da-nos um frizante exemplo dessa lei inevitavel, e o facto de ainda nos não regermos absolutamente por leis patrias no sentido genuino, e absoluto desta palavra, e termos algumas como a das ordenações nacionaes do paragrapho 4 vem provar, senão comprovar a nossa tendencia de conformidade com a lei geral para nosso engrandecimento e aperfeiçoamento. Assim como as grandes imprezas necessitam de grandes recursos materiaes, e tempo para seu acabamento, asssim as grandes reformas, a reforma da legislação de um paiz todo necessita de muito tempo; grandes, e profundos homens, não só reformadores, mas eximios conhecedores das necessidades do paiz, cuja reforma na legislação pretendem, e dos meios de remedia-las para inseri-los nas leis nóvas. Os nossos legisladores que até hoje se tem encarregado da reforma da maior parte de nossa legislação tem-se compenetrado dessa necessidade a ponto de podermos dizer que a nossa legislação patria é em geral bôa, salvo uma ou outra disposição, que não por si mesma mas pelo tempo decorrido desde a sua promulgação até hoje, tem indicado a necessidade de reforma.

A liberdade de nossas leis é palpavel, e basta um ligeiro golpe de vista sobre os codigos, que temos para verificar, quer consultemos o commercial, quer ao criminal, quer ao politico. Começando pelo commercial por exemplo na distincção de fallencia, banca rota encontraremos os principios mais salutares tanto para garantir a propriedade dos terceiros confiada aos commerciantes, nos quaes deve existir bôa fé, condição indispensavel ao commercio nos termos do alvará de 16 de novembro de 1771 como para punir o crime a fraude, sem comprometter a liberdade do commercio. Pela doutrina do nosso codigo distingue-se o fallida do banca-rota, em que o primeiro é o estado de um commerciante, que cessou de fazer seus pagamentos, art, 797 sendo a sua insolvencia proveniente de acidentes, cazos fortuitos, ou força maior art. 799, e aquelle a posição de um commerciante, que além de ter cessado seus pagamentos tem-se tornado culpado de faltas gravissimas, previstas pelos artigos 800 e seus §§, usque 802 inclusive. Essas duas classes de disposições distinctas posto que ligadas em sua base, encontram ainda disposições, por assim dizer corroborantes ampleando os effeitos a respeito dos actos involuntarios que loccasionam o primeiro estado, erguendo por assim dizer do abatimento o homem moral no artigo 869 e 870 893 898, e seguintes além da disposição do artigo e restringindo os meios que podem concorrer para arrojar o commerciante no segundo estado com as disposições do art, 803 e seus §§.

No espirito da legislação supracitada está encarnado o mesmo systema de principios livres dos artigos 2º § 1º art. 3º 14 15 e 16 e seus §§ do codigo criminal que combinado com o art. da constituição, donde se evidencia que a maxima ou grande principio de direito criminal *Sine volontate non crimen* foi observado por nossos legisladores de modo que se pôde com fundamento dizer que os principios salutares dos diversos systemas espiritualista, utilitario, e ecletico, refundidos no cadinho da mais severa critica deu em resultado a legislação patria supracitada, a qual como já o disse o illustre annotador de nossos codigos, attesta terem os nossos legisladores comprehendido satisfactoriamente o preceito imposto pelo § 18 do art. 179 do nosso codigo politico.

Isto quanto ao passado, quando ao prezente nossos esforços progridem, agora mesmo se revê o nosso codigo civil, pois que infelismente ainda nos achamos sob o pezo do — per razão, e per — direito das Manoelinas ordenações (salvo as honrosas excepções) excepto o livro 5º cuja maior parte abii.

Praza a Deos que seus revizores, compenetrados da pezada missão que sobre si receberam, e conscios do que antes ter duas leis boas de menos, que uma má de mais, se esforcem por harmoniza-lo tanto com a legislação existente, como com o estado e indole do paiz. Entre esses vultos respeitaveis encontra-se o nosso muito distincto comprovinciano o Dr. Braz Florentino Henriques de Souza que saberá collocar-se, não obstante ser o mas moderno dos membros da commissão revisora, na altura que o collocou a confiança de nosso sabio monarcha, e com seos respeitaveis e distinctos collegas. cortando o que ha de germanico no projecto, apresentaram essa arvore collosso nas condições de poder produzir no uberriimo solo nacional os mais agradaveis fructos.

Direito Ecclesiastico

O que é Biblia? quaes os signaes caracteristicos da Biblia? que autoridade póde conhecer d'esses signaes? si uma Biblia, reconhecida como falsa, póde ou não ser vendida ou por qual maneira espalhada entre nós?

O programma, como se-vê do seu teor, encerra varias questões, que, si bem que connexas e ligadas entre si, todavia nem por isso deixam de ser distinctas: pelo que pede o methodo, que de cada uma d'ellas tratemos em separado.

I.

O QUE É BIBLIA?

Biblia é uma palavra grega (biblos), que, em sua etymologia, significa livro; e que, entre os christãos, designa por excellencia a collecção dos seus livros sagrados, isto é, dos seus livros escriptos por inspiração divina, e que a Igreja propõe como taes. D'aqui se-vê, que a Biblia é para os christãos o que são os Vedas para os Indios, o Alcorão para os Mussulmanos.

Quaes são os signaes carateristicos da Biblia?

Os caracteres da Biblia, isto é, os signaes, que a-distinguem de qualquer outra escriptura, são tres: tres intrinsecos, e um extrinseco.

Os tres intrinsecos são os seguintes: 1.º que ella contem a palavra de Deus; 2.º que essa palavra foi escripta por inspiração do Espirito Sancto; 3.º que essa palavra contem revelação.

Pelo primeiro signal a Biblia se distingue de toda e qualquer escriptura humana; por quanto esta contém a palavra do homem, a consignação dos seus pensamentos; aquella porem a palavra de Deus, a consignação das verdades, que Elle, pela sua misericordia, se-dignou render aos homens. « Eu fui arrebatado em espirito em um dia de domingo, e ouvi atraz de mim uma voz grande, como de trombeta, que me-dizia: o que vês, escreve em um livro—« Feri in spiritu in dominica die, et audivi post me vocem magnam, tanquam tubæ, dicentis: quod vides, scribe in libro.» (Apoc., cap. 1, v. 10)—

Estes porém foram escriptos para que creais, que tesus é Christo filho de Deus: e para que assim crendo-o, venhaes a ter a vida por virtude d'Elle.—« Hoc autem scripta sunt, ut credatis, quia Jesus est Christus Filius Dei: et ut credentes vitam habeatis in nomine ejus.» (Joan., cap. 20, v. 31.)—

Na verdade tudo quanto está escripto foi escripto para nossa doutrina e instrucção. «Quœcumque enim scripta sunt, ad mostram doctrinam scripta sunt.» (Ep. Rom., cap. 15, v. 4).»

Pelo segundo signal a Biblia se-distingue da Tradicção.

A Biblia e a Tradição tem isto de commum, e é: que ambas contem a palavra de Deus, que ambas são o deposito da revelação divina; mas se-distinguem em que: a Biblia é a palavra de Deus, escripta por auctores inspirados; no entanto que a Tradição é a palavra de Deus, sim, mas transmittida de viva voz de geração em geração, e quando reduzida a escriptura por auctores não inspirados.—

« Jesus obrou muitos outros signaes e prodigios, na presença de seus discipulos que não se-acham escriptos n'este livro.—«Multa quidem et alia signa fecit Jesus in conspectu discipulorum suorum, quœ non sunt scripta in libro hoc.» (Joan. cap. 20, v. 30).

Assim, irmãos, permanecei firmes, e conservae as doutrinas, que aprendestes, já de viva voz, já pela nossa epistola.— «Ataque, fratres, state; et tenete traditiones quas didecestis, sive per sermonem, sive per epistolam nostram.» (Ep. 2 ad Thessat; cap. 2, v. 14).

E vendo, que esta verdade e disciplina se-contêm em livros escriptos e sem escripto nas Tradições, que recebidas pelos Apostolos da bocca de Christo, ou dictadas pelo Espirito Sancto, dos mesmos Apostolos, como de mão em mão, chegaram até nós; seguindo o exemplo dos Padres Orthodoxos, com egual affecto de piedade venera e recebe todos os livros tanto do antigo, como do novo Testamento, sendo Deus o unico Auctor de ambos os Testamentos; e tambem as mesmas Tradições, que pertencem tanto á Fé, como aos costumes, como dictadas pela boca de Christo, ou pelo Espirito Santco, e por uma continua successão, conservadas na Egreja Catholica, as recebe e venera com egual piedade, affecto e reverencia.....

Si alguem pois não receber como sagrados e canonicos estes mesmos livros inteiros com todas as suas partes, da maneira, que na Egreja Catholica se-costumaram ler e se contêm na antiga Edição vulgata Latina, e com conhecimento e proposito de deliberado, desprezaa as sobreditas Tradições, seja excommungado. — «Perspicicusque hanc veritatem et disciplinam contineri in libris scriptis et sine scripto traditionibus, quœ ipsius Christo ore ab Apostolis, Spiritu Sancto dictante, quasi per manus traditœ, ad nos usque pervenerunt; Orthodoxorum Patrum e xempla secuta, omnes libros tam veteris, quam novi Testamenti, cùm utrius que unus Deus sit auctor, necnon traditiones ipsas, tum ad fidem, tum ad mores pertinentes, tanquam vel ore tenus a Christi, vel a Spiritu Sancto dictatas et continua successione in Ecclesia Catholica conservatas, pari pietatis affectu ac reverentia suscipit et veneratur.... »

«Si quis autem libros ipsos intregos cum ommibus suis partibus, procet in Ecclesia Catholica legi consuceverunt, et in veteri vulgata latina editione habentur, pro sacris et canonicis non susceperit, et traditiones prœdictas sciens et prudens contempserit, anathema sit.» (Conc, Trid., Ses. 4, Decr. de can. scrip.) »

S. Diniz o Areopagita, fallando dos chefes da hierarchia Ecclesiastica, diz: « que elles, cheios dos dons do Espirito Sancto, nos transmittirão os principaes mysterios da religião, parte de viva voz, parte por escrito—«qua scriptis, qua non scriptis institutionibus tradidérunt.» (De Hierarchia ecclesiastica, cap. 1.) »

S. Bazilio diz: « Dos dogmas e doutrinas conservadas na Egreja, umas bebemos nos escriptos, outras nos foram ensinadas em segredo pela tradição dos Apostolos, sendo que ambas tem o mesmo valor para a piedade.—«Ex assevatis in Ecclesia dogmatibus et prœdicationibus, alia quidem habemus e doctrina scripta proditæ, alia vero nobis in mysterio tradita recepimus ex traditione apostolorum: quorum utraque vim eamden habent ad pietatem.» (L. de Spirit Sanct., cap. 27.)»

S. Epifanio diz: « Tambem temos necessidade da Tradição; porque na escriptura não se-póde achar tudo.—«Traditione quoque opus est. Neque enim ex scripturis peti possunt omnia.» (Ad heresim, 60).

Finalmente Gousset assim se exprime: «Mas ella (a Tradição) se-toma pela palavra de Deus, transmittida de viva voz por aquelles, a quem ella foi revelada, quer ella ao depois tenha sido consignada nos escriptos dos auctores não inspirados, que tem tratado da religião, quer, sem ser escripta, se-tenha mantido durante muitos seculos pela crença e pela pratica geral e constante dos povos, que d'ella hajam tido conhecimento. (Th. Dogm., part. 2, § 321.) »

Pelo terceiro signal a Biblia se distingue das decisões da Egreja.

As decisões da Egreja são sempre conformes á palavra de Deus, são sempre marcadas com o sella da verdade.—«Columna e firmamento da verdade—«columna et firmamentum veritatis.» (Ep. ad Thimot., cap. 3, v. 15); são sempre dictadas pelo Espirito Sancto. »

E eu rogarei a meu Pae e Elle vos dará outro Consolador que é o Espirito da verdade, para que para sempre esteja comvosco.—«Et ego rogabo Patrem et alium Paraclitum dabit vobis, ut maneat vobiscum, Spiritum veritatis. »

Quando vier porem esse Espirito da verdade, Elle vos ensinará todas as verdades. —«Cum autem venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos onnem veritatem.» (Joan. 14, v. 16 e 17, cap. 16, v. 13).» Mas ellas não contem revelação, isto é, ensino de verdades novas; ellas são apenas definições das verdades contidas na Escriptura e na Tradição, verdades, que a Egreja sempre creu, sempre ensinou; e por isso ellas não são, nem fazem parte da Escriptura Sancta.

Gousset assim diz: « Mas a inspiração, de que aqui se trata, encerra alguma coisa mais que um monumento piedoso; a inspiração dos auctores sagrados, a que nós chamamos inspiração propriamente dita, é um movimento inferior e sobrenatural, pelo qual Deus excita e determina um autor a escrever, suggerindo-lhe, o que elle deve escrever, em ordem a preserval-o de todo erro, tanto sobre os factos historicos, como sobre o dogma e a moral.

Vê-se pois d'esta noção que a inspiração comprehende pelo menos duas coisas, á saber: a operação de Espiritto Sancto, que induz efficazmente a escrever sobre tal ou tal materia, esua divina assistencia, que preserva o escriptor de todo erro.....

Mas a assistencia do Espirito Sancto não basta para a inspiração; assim, posto que as decisões da Egreja sejam verdadeiramente infalliveis, como dadas com a assistencia divina; posto que ellas sejam sempre conformes á palavra de Deus, ellas propriamente não são inspiradas, ellas não fazem parte da Escriptura Sancta. Nós dissemos, que a inspiração comprehende pelo menos duas coisas; porque é mister accrescentar a revelação no tocante a tudo o que o autor sagrado não pôde conhecer pelos meios ordinarios: taes são por exemplo, as profecias, os mysterios, e os dogmas, que ainda não tinham sido revelados (Theot. Dog. tomo 1, cap. 5, § 228.) »

Até aqui quanto aos caracteres intrinsecos da Biblia. Agora passemos a tractar do caracter extrinseco, que assignaremos, resolvendo a questão seguinte.

(Continúa.)

Padre Estanilau.

PARTE LITTERARIA

Parahybanos Celebres de 1817

Já que fomos obrigados por amôr á nossa provincia, a deitar o nosso obulo de escriptos no gasophilacio das calumnias do *Academico Parahybano;* vamos dar conhecimento aos nossos comprovincianos, (que por acaso não conhecerem), de um esbosso historico desses vultos de 1817 apezar de resumidamente; por que mais tarde o faremos talvez em um grosso volume. Principiaremos por:

AMARO GOMES DA SILVA COITINHO. Era cavalleiro da Ordem de Christo, Coronel do Regimento de Milicias brancas, e opulento proprietario da Provincia. Tinha principios verdadeiramente religiosos, os quaes observou até 1816. Seguio o partido da liberdade da patria em 25 de Dezembro do dito anno quando veio a Olinda visitar ao seu amigo Domingos Theotonio. Apenas chegou ao seu conhecimento que a revolução tinha rebentado, fez com que Itabahyana se revoltasse em 4 de Março de 17, e que seu cunhado Estevão se apoderasse na causa da Parahyba, independente, e que seu regimento o seguisse.

Por elle adoptou a liberdade, o Cur-

nador Francisco José da Silva, zeloso realista, e que a capital com todas as suas villas a adoptasse. Foi nomeado General da Republica por causa da sua dedicação a patria, lugar, cujo desempenho o fez com tanta honradez e heroicidade, que lhe custou a vida. Nunca disconfiou nem desesperou da causa da liberdade, ainda que se visse cercado pelo traiçoeiro exercito bahiano, pelos insurgidos do Rio-Grande do Norte, e pelo traidor o Padre Manoel Lourenço. Partio para Pernambuco á pedir soccorros; mas achou o governo tão desmoralisado, que conheceu que Pernambuco antes necessitava delles do que podia dal-os. Nessa occasião o aconselharam, que voltasse a Parahyba e a contra — revolucionasse; bem podia ter elle nessa contra — revolução feito a sua fortuna, não o quiz; preferio arrostar com as consequencirs da causa que adoptara.

Ao chegar a Parahyba achou-a já apertada pelos trahidores e pelo exercito do malvado Manoel Lourenço: a toda pressa reunio o seu exercito e marchou para Tybiry onde estavam acampados os inimigos; mas já a traição tinha entrado nas suas fileiras, e quando em linha de bataiha mandou fazer fogo poucos lhe obedeceram, entrando nesse numero o immortal José Peregrino, (do qual logo fallaremos). Não houve remedio senão capitular, e voltar para a cidade no meio dos traidores, que davam espantosos vivas a tyrannia, e assim assistio elle a victoriar-se a sua vergonha.

Todavia, elle ainda sonhava com a patria, e não via aberto a seus pés o volcão que o havia de tragar. As perseguições principiaram, e podia elle ter-se evadido, não o quiz foi preso pelo governo provisorio, remettido a infernal commissão militar de Pernambnco.

Os bons patriotas, e sua mesta esposa tudo empregaram; mas não poderam conseguir cousa alguma do tigre Luiz do Rego. A Alçada o condemnou a morte, e foi inforcado no campo da Honra Pernambucana no ultimo de Agosto de 1817. Seu cadaver foi dispedaçado, arrastado á caudas de cavallos para o cemiterio da matriz do Sacramento do Recife, e sua cabeça e mãos collocadas em um poste no lugar chamado Zumby, na Parahyba, d'onde as tirou depois de 15 dias o Inglez Francisco Stuart.

Amaro Soares de Avellar. Indio Parahybano; natural da Bahia da Traição. Adherio a causa da liberdade, e enthusiasmou-se muito, quando a Bahia chegou José de Barros com o destacamento destinado á Fernando; com elle se encorporou e lhe fez relevantes serviços. Foi preso e remettido áos carceres da Bahia, onde o perdão de 1821 o achou penando.

Antonio Felix Cardoso. Erudito sacerdote Parahybano, e popular; adoptou a revolução de Pernambuco, e trabalhou muito para que fosse adoptada na Parahyba, o que vio effectuado a 16 de Março de 1817. Consagrou-se a ella, e cahio no meio do seu enthusiasmo, com a queda da liberdade. Preso, foi remettido a Alçada de Pernambuco, a qual lhe daria mais longo martyrio, senão fosse o perdão de 1821.

(Continuar-se-ha).

J. C. Cesar.

A' Eugenia Camara

A cruz d'arte

Nas horas, em que a brisa soluçando,
Vae a medo depor um casto beijo,
Nos labios virgens do alecrim do brejo,
Que adormeceu a terra do paul;
E o anjo do silencio, e da poesia,
Abrindo as lindas azas de ouro, e prata,
Surri travesso meigo, e se retrata,
No fino espelho da lagôa azul.

Desse espaço, tão vago, como o sonho,
Onde o silencio dorme frio, e morto;
La desses ermos tristes, sem conforto,
Onde sonham as fadas da so'idão:
A melodia languida, sentida,
Das vozes de um cantar saudoso, ameno,
Banhada de luar, e de sereno,
Veio beijar meu triste coração.

Que bando errante de inspirados cysnes
Vem com seus cantos perfumar os ares!
São serenatas nas so'idões dos mares;
Ou são noivados de anjos lá no Céo?!
Ai! que sereia, disgrenhada, em pranto,
Sobre os alvos colchins da espuma fria,
Acalenta ao sopro da harmonia
O cadaver de nauta, que morreu.

E os arvoredos abriam as ramagens,
Gotejantes de orvalho, e de harmonia
E a flôr dormente os labios entreabria...
Que sopro os lirios d'alma me embalou!!
Senti, que a mente me adeja louca,
De algum anjo talvez nas brancas azas...
Quanta estrella, tremente em véo degazas,
A fantasia em fogos me banhou!!

Ergui! e andei em busca desse canto.
Andei!... andei!... errante desvairado...
Parei... senti meu peito suffocado...
Cahi de joêlhos... não podia mais...
E então disse: meu Deus! por piedade!
Da-me a sereia triste desse canto.
Soluça? chora? — beberei seu pranto.
Soffre? padece? — embalarei seus ais

Da convulsão entre as ancias,
Rasgou-se a terra, e se abrio.
Sombrio, negro fantasma
Della a meus pés surgio

E me disse «ergue-te louco
Sonhador da solidão
Eu vou mostrar-te esse archanjo
Que tu procuras em vão.

E ergueu-se o fantasma! no vacuo do espaço
Nas azas dos ventos commigo se ergueu;
Um grito de espanto quebrou-se nas serras
E tremulo o echo nas grotas moreu

No limites talvez do vacuo immenso
Parou o fantasma, e eu parei tambem.
Em baixo — a terra, em cima — o Céo, os astros;
Eu — elle — o silencio — e mais ninguem

« Olha—disse-me então elle—
« Por esse espaço atravez.
« Porque descoras fitando?
« Porque tremes? o que ves?

« Eu vejo um cherubim d'azas fechadas,
« De pés descalços, e de braços nús, —
« Que sobre c'roas murchas desfolhadas,
« Geme, soluça. e abraça-se a uma cruz.

« Nos olhos claros, como a luz do dia,
« Tremem-ihe as bagas do cristal. do pranto,
« E no marmor das faces descarnadas
« Erram-lhe as sombras de um martyrio santo·

« E longe, longe; mas não sei aonde
« Ouço uma voz, que bradava «eia vence!»
« E o anjo triste lá murmura em pranto.
« Filha do orgulho, compaixão p'ra ti!

« E vejo o Céo se abrir e um côro de anjos
« Sobre uma nuvem a cautar passou.
« Ah! gloria! gloria! a quem padece e soffre;
« Ah! gloria! gloria! ao genio, que chorou!

« E o archanjo erguendo os olhos humidos,
« Contempla a nuvem, que nos ares vai
« Pallido riso lhe desmaia os labios,
« E beija a sua cruz, soltando um ai,

Ah! meu Deus! meu Deus! que mundo é este?
Quem é aquelle triste cherubim?
Sobre c'roas murchas desfolhadas,
Preso a uma cruz, e padecendo assim?

E ouvi uma voz que me disse
« Ajoelha-te pobre louco
« Tu que buscavas a gloria
« Desanimas por tão pouco.

« Olha! ves a tempestade
« Lá desce negra do céo,
« Aquillo é o poste do genio
« A rocha do Prometeu

« Aquillo é a arte de joelhos
« Chorando aos pés do senhor.
« Seu amor é o seu martyrio
« Seu triumpho a sua dor.

Era a voz do fantasma que fugindo
Ia triste nos ares repetindo

« Aquillo é sorte de joelhos
« Chorando aos pés do senhor!
« Maldição a quem na terra
« Não respeita a sua dor.

E as nuvens iam tristes denegridas,
Quaes negras mumias pelo Céo errantes,
E os astros errm tremulos brilhantes,
Que se enrollavam n'um funero véo.
E o archanjo fitou a tempestade!
Banhou-lhe o rosto um riso de martyrio...
Ah! nunca mais mimoso o casto lyrio
A branca fronte ao véo daval pendido.

E silvava no espaço a ventania
E a tempestade lá do céo descia!

Ah! foge! foge! meu archanjo lindo
Não ves? bramindo a tempestade cresce!
O vento ruge! a tempestade desce!
Eu não te quero ver morrer assim,
Ha tanta luz nos paramos dos sonhos!
Tanto sonho no Céo da fantasia,
No arrebol da illusão tanta harmonia
E tão doce viver... tão doce... ai! sim!

E selvava no espaço a ventania
E a tempestade lá do Céo descia!

E entre as dobras do lençol da morte
Aos fachos da procella dominada
Eu a vejo sorrindo-se ajoelhada
A cruz ao branco seio comprimir...
Quem és tú, que assim fitas a morte?
Como a Ophelia—desatada a transa—
Que sobre o abysmo, douda se embalança
Ardendo em frebre, a soluçar, e a rir!

E silvava no espaço a ventania!
E a tempestade lá do Céo descia!

A lufada sacode os arvoredos....
Passa atirando desabrido açoite...
O raio parte rasgando o véu da noite...
Como dous fios de azulada luz....
Ai! meu Deus que maldição aquella!!
Porque choras maldida Madalegna?
Nem o pranto te salva! e tens por pena
Morrer jungida ao poste dessa cruz!

E silvava no espaço a ventania
E a tempestade lá dos céus descia!

E entre o concerto funebre dos ventos
Ouvi a voz do do triste cherubim.
Era a mesma voz magoada e doce
Que me disia soluçando assim:

« Volta ao mundo, volta á vida!
« Não me chores sonhador!
« Meu amor é o meu martyrio!
« Meu triumpho a minha dor!

Abriu-se o céu se o mesmo coro de anjos
Por sobre as trevas a cantar passou.
Ah! gloria! gloria! a quem padece e sofre!
Ah! gloria! gloria! ao genio que chorou!

Recife — 16 — Julho — 1866.

PARTE NOTICIOSA

Exterior

Como suppunhamos, foram importantissimas as noticias vindas da Europa pelo paquete francez *Navarre*.

Os successos da guerra precipitam-se com uma rapidez extraordinaria, principalmente por parte da Prussia.

Apóz a entrada das tropas prussianas no Holstein, que despersaram seus deputados, convocados pela Austria, seguio-se o protesto desta potencia contra taes violencias perante a dieta germanica. Entretanto deligenciava a Prussia para com os estados secundarios á respeito da reorganisação da Confederação e de obter seus votos contra a Austria na dieta. Está porem pronunciou-se contra, e por decisão sua os reinos de Baviera, Saxonia, Hamover e Urtemberg com os outros estados mobilisaram logo suas forças.

Bismarck embora não contasse com isto, não trepidou, mandou que as tropas prussianas invadissem immediatamente a Saxonia, o Hesse eleitoral e o Hanover; tendo antes protestado contra a dieta e declarado dissolvida a confederação germanica.

O ministro prussiano em seu dilirio, sem attender aos meios, posterga a liberdade do povo allemão, soffra elle embora as devastações da guerra e a penuria, com tanto que chegue ao fim, isto é, ao cumprimento do dezejo de seu governo egoista, ambicioso e despotico.

A Austria concentra uma grande parte das suas forças na Bohemia para invadir a Silesia, onde a Prussia tem já um exercito numeroso; de sorte que ahi se espera uma grande batalha.

A Italia principiou mal com suas operações militares.

As tropas italianas atacaram as posições de Vallegio e Villa-Franca, foram porem repellidas pelos austriacos, sendo obrigadas á repassar o Mincio.

Alem dos mortos e feridos, os italianos perderam 2,000 homens, que ficaram presioneiros dos austriacos e muitas peças de artilharia, segundo os despachos de Vienna.

Vê-se pois que apesar do grande enthusiasmo que ha na Italia por esta guerra, e talvez mesmo de ser o exercito italiano mais numeroso, do que o da Austria na Italia: náo pode esta potencia tirar em terra vantagens d'aquella, pois incontestavelmente são os austriacos, não direi mais bravos, porem mais aguerridos; o exercito é composto em quasi sua totalidade de soldados praticos na guerra. Isto é pelo lado do exercito.

Pelo lado da esquadra a Italia leva sem contestação grande vantagem sobre a Austria; com quanto ella pouca cousa possa fazer, alem de reduzir á impotencia a esquadra austriaca estacionada em Pola, porquanto todas as cidades que ella pode bombardear são italianas, como Trieste, Fiume, Veneza.

As demais potencias da Europa continuam neutras.

Variam muito as conjecturas sobre a parte que ellas poderam vir á tornar na actual luta.

O que ha de quasi certo é que a França não consentirá que a Italia perca nenhuma parte do territorio que hoje lhe pertence e é esta certeza talvez que a leve á dar esse passo arriscado. Se lhe fôr favoravel a sorte das armas, será seu territorio augmentado, e no caso contrario só terá que lamentar o sangue de seus filhos, e o dinheiro que tiver gasto, podendo tentar a empreza em outra occasião.

Tinha causado grande apprehenção nos animos uma carta de Napoleão derigida ao ministro de estrangeiros e lida no corpo legislativo.

O governo sanguinario de O'Donnell causou na Hespanha mais uma insurreição, que apesar do valor dos sublevados foi suffocada.

Dos Estados-Unidos temos apenas a noticia do adiamento do julgamento do expresidente dos confederados.

A esqnadra espanhola depois do bombardeamento de Calhau retirou-se para o Rio de Janeiro.

Interior

Ainda desta vez foram sem importancia noticias do theatro da guerra.

Apenas nota-se o apparecimento de uma bateria paraguaya montada com peça de 68 trazidas de Humaytá e que ainda mais reduzio o *exercito oriental!*

Esperava-se (talvez seja hespanholada) á todo momento a chegada do exercito do Barão de Porto-Alegre.

A esquadra tinha bombardeado Curupaity. (Damos pouco credito). Verificou-se que o rio estava atravancado, e tratava-se de desimpedir a passagem.

O exercito alliado estava abrindo um caminho, atravez do matto virgem para Humaytá.

A mesma immobilidade do exercito e da esquadra, as mesmas promessas «hespanholas». e tudo mais o mesmo, isto é, «nada».

Os generaes alliados fortificam o acampamento, suppomos, que é com o fim de gozar melhor o doce «farnieute» em que estão!

Os exercitos inimigos em frente um do outro olham-se, jogam sizo, brincam com algumas balas, em uma palavra, «namoram-se»!

Todos clamam contra esta inacção; debalde: os vapores chegam uns após outros: o mesmo estado de coisas! E' muito!!.

Continuará no fim do mez á ser semilhante o estado de coisas?

Recife, 20 de Julho de 1866.

J.

Pernambuco—Typographia do Correio do Recife
Rua do Imperador n. 79, 1. andar—1866.